

Língu maquista: um dialeto quase extinto, unindo Portugal, Macau e Brasil

Maria Clara Franco Santana Rita
Universidade Autônoma de Lisboa

Luís Camões sã nómi esquivido
Co ternura na nôsso coraçám,
Lembrado co doçura na ouvido.

Resumo: O *língu maquista* é um dialeto antigo que traduz uma das mais relevantes tradições de Macau. Este dialeto, também conhecido por *patois*, era comumente falado nos círculos familiares macaenses ainda no início do século XX. Porém, começa a cair em desuso a partir dos anos 30 do referido século e, atualmente, encontra-se em extinção. Citando José dos Santos Ferreira «dentro de escassos anos, dele nada mais restará senão uma pálida lembrança, como o tanger nostálgico duma suave melodia cheia de reminiscências». O presente trabalho pretende fazer a apologia da vida de um dialeto que adaptou, entre várias prosas e poesias, a lírica camoniana, deixando visíveis as reminiscências da Língua Portuguesa, como melodia nostálgica, unindo três continentes e três regiões geográficas: Portugal, Macau e Brasil.

Palavras-chave: *língu maquista*, dialetos, lusofonia, Camões.

Língu maquista: an almost dead dialect, linking Portugal, Macau and Brazil

Abstract: The *língu maquista* is an old dialect which is part of the Portuguese heritage in Macau. This dialect, also known by *patois*, was commonly spoken among Macanese families until the end of the 19th century. However, from 1930 on, the *língu maquista* started to fall into disuse, and nowadays it is on the verge of extinction. Quoting José dos Santos Ferreira: «in a few years now, no traces of this dialect will remain over, except for a few pale remembrances, as the nostalgic sound of a sweet melody pregnant of old memoirs».

This article makes the apologia of the life and spirit of a dialect that proved to be able to absorb the Camonian prose and poetry. In addition, it testifies for the remanent marks of the Portuguese Language, linking together three continents and three geographical regions: Portugal, Macau and Brazil.

Keywords: *língu maquista*, dialects, lusophony, Camões.

Dom Sebastião, que da História colheria o nostálgico cognome de *O Desejado*, acabara de nascer. Reinava em Portugal o seu *Piedoso* avô Dom João III, a quem, em breve, o impiedoso Tanatos reclamaria a vida.

Portugal detinha o domínio dos mares e espreiava o seu império do Atlântico ao Índico. Enquanto no Brasil Dom João III implementava a política das “capitanias hereditárias”, muito mais além, nos mares do sul da China, o rei colaborava com o Império Chinês, da Dinastia Ming, no combate aos corsários que infestavam aquelas águas. Embora a ocupação gradual de Macau pelos portugueses se tenha iniciado entre 1553 e 1554 só, de facto, em 1557, é que as autoridades chinesas deram autorização aos portugueses para aí se estabelecerem, concedendo-lhes um notável grau de auto-governação. Todavia, só em 1887, através do “Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português”, é que a China acabou por reconhecer oficialmente a soberania portuguesa sobre Macau, a qual, porém, viria a cessar em 1999, aquando da reintegração da Região de Macau na República Popular da China.

Segundo se crê, do ponto de vista etimológico, o nome português «Macau» deve ter tido origem na designação de um dos primeiros locais de desembarque dos navegadores portugueses, a Baía de A-Má (“*A-Ma Gao*” em cantonês). Com o decorrer do tempo A-Ma Gao transformar-se-ia em Amacao, Macao e, finalmente, Macau.

O cruzamento e a mútua fecundação das línguas nativa e portuguesa, durante os mais de quatro séculos da presença de Portugal em Macau, deixaram marcas linguísticas, dando origem a um dialeto muito caraterístico, mas já moribundo: a *língu maquista*.

Olhar sobre um dialeto quase morto é, no objectivo deste artigo, inclinarmo-nos perante o *língu maquista* ou *patois*, observando a simplicidade, a doce índole e o espírito

jovial presentes num linguajar que visava as necessidades mais elementares de comunicação, sobretudo em núcleos familiares, ou em grupos menos letrados.

O *língu maquista* é um dialeto antigo que constitui uma das tradições de Macau. De acordo com as conclusões a que historiadores e filólogos têm chegado, o dialeto macaense começou a ser usado há bem mais de três séculos. Cai em desuso cerca da década de 30 do século XX e, actualmente, encontra-se em fase de extinção, embora não deixe de constituir um elo espiritual que abraça o presente ao passado.

Na opinião de José dos Santos Ferreira «dentro de escassos anos, dele nada mais restará senão uma pálida lembrança, como o tanger nostálgico duma suave melodia cheia de reminiscências» (FERREIRA, 1988, p.10). Na verdade, desde que Macau transitou para a soberania chinesa, esta morte, há longo anunciada, está cada vez menos distante.

Aqueles que partilham a Língua portuguesa, não devem ficar alheios às várias formas de expressá-la, como é o caso dos dialetos, e em particular deste *patois* que, para quem o conheceu e que com os seus falantes privou, ainda sente o falar ao coração e as recordações felizes de um passado de criança.

Como alguns estudiosos defendem, este dialeto é um fenómeno étnico, originado pelas circunstâncias materiais de quem não tinha forma de aperfeiçoar o idioma pátrio. «Papiando» era comunicar entre si sem falar chinês ou outra língua. Se ainda não morreu, acreditamos que seja falado apenas por um núcleo extremamente restrito de pessoas muito idosas, tentando numa imagem estóica, fazer persistir vestígios comuns da língua portuguesa, espalhados pelo mundo, e fazendo-nos acreditar que o *patois* tenha atravessado um estado bastante duradouro de uniformidade linguística.

É neste conjunto de proposições que assenta o objeto principal deste artigo, ou seja, a relação sensível entre a expressão humilde – própria da linguagem do povo – e a expressão erudita da língua portuguesa.

É sabido que o *patois* adaptou a lírica camoniana – não na sua totalidade, como é evidente, mas em parte – na certeza de poder levar ao conhecimento de alguns círculos de pessoas aquele que ainda hoje é tido como o maior vulto da língua portuguesa – Luís Vaz de Camões. Sem pretendermos espoletar opiniões controversas sobre a presença de Camões

em Macau, mas apenas destacar a importância, como testemunho autêntico, da existência da chamada *Gruta de Camões*, ou *Penedos do Camões*, lembramos Justino Mendes de Almeida que sobre esta matéria diz o seguinte: «Esteve Camões em Macau? Ainda não possuímos a verdade absoluta, temos a verdade possível e, sobretudo, uma grande probabilidade de resposta afirmativa. A existência dos *Penedos do Camões*, referidos no documento contemporâneo do poeta, são argumento de muito peso. Que outra origem se encontraria então para o topónimo?» (ALMEIDA, 1994, p.111).

Por tal facto, vejamos apenas a adaptação do lirismo do poeta pelo dialeto macaense, como um culto a Camões.

O lirismo camoniano transmite sempre uma ideia de saudade, de tristeza de alguém que está longe, ou de sofrimento pela perda definitiva de alguém, sentimentos que se centram no amor e que estão iminentemente ligados ao soneto *Alma minha gentil, que te partiste* ou, para cumprir o tema deste trabalho, *Iou-sa alma qui já vai*.

Nos dois sonetos, a proximidade semântica, a musicalidade, a arte de expressar a língua portuguesa tocam, igualmente, a sensibilidade do leitor. A primeira quadra denuncia um sentimento de amor terreno, nobre e puro, que aparece já como simples sombra ou reflexo do amor divino. A inspiração do soneto torna-se, assim, nitidamente mística ou religiosa:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

O *patois* respeita, em nosso entender, o rigor poético do texto camoniano, embora utilizando palavras mais simples. Mas as palavras têm, como é sabido, as suas migrações e as suas conquistas. É o que verificamos a seguir:

*Iou-sa alma carinhosa qui já vai
Assi cedo, triste, d'estunga vida,
Vôs discansá na Céu pa tudo sempri,
Iou vivo disolado aqui na Tera.*

Nesta adaptação, o que nos suscitou maior curiosidade foi a substituição do adjetivo «gentil» pelo adjetivo «carinhosa». Se «gentil» pressupõe, no caso presente, nobreza ou sentido de grandeza de alma, por sua vez, «carinhosa» transmite, quase inocentemente, a afabilidade e a meiguice, levando-nos a conclusões surpreendentes, dado que as palavras não caminham sozinhas, e a morte aparente de algumas é o renascimento de outras, ou seja, altera-se a forma ou o sentido para dar lugar a novas criações.

Observou José Régio –e outros o repetiram– que em Camões lírico o principal assunto ou motivo é o amor. Teria o poeta vivido o amor na sua totalidade e muito concretamente?

Na próxima quadra são evidentes as expressões, quer do amor ativo, quer do contemplativo:

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

e, em língu maquista:

*Si na alto Céu únde vós já subí,
Pôde lembrá ancuzá d'estunga vida,
Ne-bom isquecê acunga amor quente
Qui vós j'olá, puro, na iou-sa ôlo.*

O dialeto, conservando os seus peculiares costumes linguísticos, leva-nos a saborear a erudição de Camões. Se «na alto Céu» traduz um espaço indefinido, não deixa de significar um lugar aprazível onde, segundo a crença religiosa, habitam Deus e as almas dos justos. O «assento etéreo» associa-se a um fluido impalpável, mas é incontestável a sinonímia de espaço puro e celeste.

Não se perde, na adaptação desta quadra, o dilema do poeta que se sente dividido entre dois tipos de amor que o solicitam – o amor contemplativo (espiritual) e o amor ativo (corporal). A palavra «quente» tem como primeiro significado do signo linguístico «calor», mas na vertente polissémica está mais próxima de «estimulante» ou «sensual». No lirismo erudito de Camões «ardente» em nada se afasta de «impetuoso» ou «fervoroso».

Surpreendente foi a leitura da expressão «j'olá». Interjeição frequentemente utilizada na língua materna para saudar alguém ganha aqui mais força, expande-se, e exprime uma admiração total. Também os «olhos» de Camões não são apenas “órgão da vista”, mas sim metáfora de amor puro que refletem a alma do poeta, numa contemplação distante e inacessível da amada que perdeu. Esta imagem persiste na «memória», espaço onde se reproduz algo anteriormente adquirido. Também pela palavra «lembrá» percebemos uma memória repetida, um recordar, um rememorar.

Os tercetos seguinte atraem-nos para um cântico de saudade. O poeta parece querer sofrer ao cantar que ama a sua dor e que quer morrer com ela:

*E se vires que pode merecer-te
Algua cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Fiel ao modelo, mas também inovando no ambiente próprio da sua forma de expressão, diz-nos o patois:

*Si pa vós pôde têm mereciménto
Acunga dôr qui já ficá pa iou
Di margo disgosto di perdê vós,*

*Pedí Dios, qui j'encurtá vósso vida,
Pa azinha levá iou vai olá vós,
Como azinha já tirá vós d'iou-sa vista.*

Da «mágoa» sem «remédio» não se cansa o poeta. «Mágoa» equivale a uma marca causada por determinados factores, mas adquire em Camões um sinónimo de angústia moral, de dor, de pena, que nenhum preparado cura; «margo» traz-nos o sabor a fel, oferece-nos um dissabor e, por sua vez, «disgosto» serve-nos a ausência do gosto ou prazer, um pesar que se transforma em mágoa.

O *patois* recriou, mas deixou presente o constante mal de amor e as consequências funestas que tanto inquietavam o poeta.

Nem o implorar a Deus alivia o enorme sofrimento, nem o estado de espírito em que o poeta se encontra. «Roga» a morte que tarda em chegar. Apesar da candura com que se apresenta, a palavra «pedí» sugere-nos uma leitura insuspeita relativamente ao retomar da ideia de morte: quem pede roga, quem roga implora. «Pedí», bela imagem em tão pequena composição de letras.

No final do soneto, o sinal indelével do destino é marcante. A amada desaparece «tão cedo» e desamparada da presença do poeta. O *lingú maquista* deixa transparecer a fugacidade da vida utilizando uma palavra repleta de ingenuidade mas, ao mesmo tempo, refrescante: «azinha», que, como se sabe, significa «depressa».

Depressa, também, desaparecerá o linguajar macaense. E, pese embora o facto de este artigo refletir uma morte anunciada, o que se pretendeu fazer, neste artigo, foi a apologia da vida de um dialeto, em que as palavras não vão ao encontro do acaso mas, pelo contrário, acentuam e vão ao encontro de países de expressão lusófona:

Brasil
Di filiz brasiléro,
Tera di Carnaval,
Co su alegre sambéro
Pa Brasil nôs vêm cantá
Co Brasil prendê sambá,
Burifado di amor...
Brasil, sômente vôs, Brasil!

Brasil, filiz achado di Cabral,
Dóci lembrança di passado,
Filo di nôs-sua Portugal...
Brasil, Brasil vôs quánto más
Co alma jóvi vêm sambá,
Más alto-alto lôgo empê,
Quirido más lôgo ficá...
Sâ!... Querola vôs onçôm crecê,
Mundo intéro achá
Quánto vôs ta merecê,
Brasil, sômente vôs, Brasil!

*Brasil, di alegre sámba capital,
Portám aberto pa Macau,
Como vós nádi têm igual...
Brasil, Brasil têm coraçám,
Co alegria acolhê,
Na alma de vós-sua Naçám,
Quim vós-sua porta vai batê...
Sã!... Querola vós botá fervor,
Mundo intéro olá
Quánto vós têm di amor,
Brasil, somente vós, Brasil!*

Apêndice

Breve Glossário:

Acunga – aquele
Azinha – depressa
Cuza – coisa; o que
Estunga – esta
Grándi – importante
Olá – ver
Ôlo – olho, olhos
Onçôm - começar
Papiá – falar; conversar
Pensám – problema; angústia; preocupação
Querola – no momento
Sã – saudação; emoção; sensação

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Justino Mendes, **Temas Histórico-Literários**, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1994.

ALMEIDA, Justino Mendes, Luís de Camões - Poeta Lírico, in **Colectânea de estudos comemorativa da inauguração da Casa-Memória de Camões**, Constância, 1999.

BATALHA, Graciete Nogueira, **Língua de Macau – o que foi e o que é**, Macau, Imprensa Nacional, 1974.

FERREIRA, José dos Santos, **Camões, Grândi na Naçám – dialecto macaense**, Lisboa, Edição da Fundação A-Má-Kók, 1982.

FERREIRA, José dos Santos, **Macau, Jardim Abençoado**, Instituto Cultural de Macau, 1988.

Recebido em 6 de outubro de 2010. Aprovado em 12 de outubro de 2010.